

Notícias sobre o Relatório do IPCC devem ser vistas com cuidado¹

Assessor alerta sobre os exageros cometidos por profissionais da mídia ao interpretarem as indicações sobre as mudanças climáticas

Meus objetivos principais nesta conferência são desmistificar o que é a mudança climática e reconsiderar alguns conceitos que a mídia aborda de forma simplificada. Não podemos ser passivos em relação à informação. Assim, pretendo dar instrumentos para que vocês consigam decifrar as notícias e as informações que recebem.

A questão relativa à mudança do clima não é nova. Desde o século XVIII os cientistas já tinham levantado a hipótese sobre uma possível relação entre os gases estufa e um aumento de temperatura do planeta. Mas o que é afinal a mudança de clima? Se pensarmos bem, a sociedade foi forjada de acordo com os padrões climáticos. As temperaturas, as chuvas e os ventos moldaram uma série de coisas, como as habitações, o vestuário, a alimentação. Entretanto, apesar de

¹ Texto feito a partir de palestra proferida por Haroldo de Oliveira Machado Filho (Assessor Especial da Comissão Interministerial de Mudança Global do Clima) durante o Simpósio de Mudanças Climáticas Globais e Responsabilidade Social, realizado na Universidade Católica de Brasília.



O fenômeno do derretimento do Kilimanjaro atesta as mudanças climáticas

sua importância, ainda sabemos pouco sobre o assunto.

O sistema climático é muito complexo e envolve desde as nuvens até a emissão de gases na atmosfera, os quais geram o efeito estufa, por exemplo. Para entender as mudanças que estão ocorrendo no Planeta foi criado, em 1998, pelo Programa Nacional das Nações Unidas para o Meio Ambiente e a Organização Meteorológica Mundial, o IPCC – Intergovernamental Panel on Climate Change – sigla em inglês que é adotada no Brasil.

O IPCC congrega os principais cientistas do mundo que lidam com assuntos relacionados à mudança do clima. Trata-se de um trabalho voluntário, que consiste na avaliação mútua entre os pares: um cientista avalia a produção científica do outro de forma voluntária. Tais trabalhos

são reconhecidos como fontes confiáveis. Trata-se, portanto, de pesquisas consolidadas e não de uma “pesquisazinha” isolada, dizendo que o mundo vai acabar. Assim, o IPCC fornece subsídios para informar os tomadores de decisão das mais diversas esferas, sobre as mudanças do clima.

Cenário não é previsão

Recentemente, foi divulgado pela imprensa o último relatório produzido pelos cientistas filiados ao IPCC. Na verdade, trata-se de três relatórios, formulados por três diferentes grupos de trabalho. O grupo I é composto por meteorologistas e físicos, responsáveis por avaliar a ciência da mudança do clima. Esse grupo formula os cenários de aumento de temperatura. Que fique claro que cenário não é previsão

e, sim, uma indicação de uma tendência, caso os pré-requisitos sejam verificados. Para entenderem melhor essa diferença, observem o seguinte exemplo: se no mundo for mantida a mesma população, o mesmo nível de desenvolvimento econômico e as mesmas tecnologias, o resultado será x em relação à emissão de gás de efeito estufa na atmosfera, em 2010. Isso é um cenário.

O outro cenário é que, se a população do mundo dobrar, se o crescimento econômico for de 10 por cento, em média, e, se as tecnologias ficarem estacionárias, o resultado, em termos de emissões de gás de efeito estufa ou de aumento de temperatura no planeta, será x. Isso é um cenário. Então, é um prognóstico de que, se certas premissas forem verificadas em um horizonte de tempo, tal coisa ocorrerá.

Quando vocês escutarem a mídia dizer coisas como: o nível do mar vai subir 20 metros, Copacabana vai desaparecer, saibam que isso não é uma previsão. Isso é uma interpretação, talvez até um pouco dramática de um cenário, mas não é uma previsão.

Os apocalípticos e os otimistas

O grupo II é o responsável por avaliar a vulnerabilidade dos sistemas sócio-econômicos e naturais das mudanças climáticas e as consequências positivas e negativas em relação às consequências da mudança do clima. É o grupo que nós chamamos **Impactos, vulnerabilidade e adaptação**.

A mídia, particularmente, gosta desse grupo, especialmente aquele segmento que adora anunciar o apo-

calipse ambiental. Eles fazem uma interpretação errada desses dados. É o grupo que identifica onde haveria mais impacto, caso aqueles cenários formulados pelo grupo se concretizassem. Ou seja, que áreas seriam mais vulneráveis e quais seriam as possíveis medidas de adaptação para que se possa impedir que essas consequências negativas ocorram.

O grupo III é o mais otimista dentre os três. É o que avalia as opções para limitar as emissões de gás de efeito estufa e as possíveis medidas de mitigação. É o grupo que está pensando em como reduzir as emissões de gás de efeito estufa por meio de novas tecnologias, por meio de práticas mais eficientes, por meio de práticas ambientais. Este é o grupo ao qual devemos prestar mais atenção; infelizmente, entretanto, é grupo que a mídia menos divulga.

Quando vocês escutarem a mídia dizer coisas como: o nível do mar vai subir 20 metros, Copacabana vai desaparecer, saibam que isso não é uma previsão. Isso é uma interpretação, talvez até um pouco dramática de um cenário, mas não é uma previsão.

Energia captada pela ação do vento



Este foi o quarto relatório de avaliação sobre as mudanças climáticas produzidas pelos cientistas filiados ao IPCC. Os demais foram lançados em 2001, 1995 e 1990. Eles permitem-nos perceber que, hoje, a ciência é muito mais confiável e também que o ser humano realmente está causando interferência perigosa no sistema climático. É muito provável que o aumento da temperatura (verificado desde a metade do século XX) seja resultado do aumento da concentração de gás de efeito estufa na atmosfera, provocado por atividades humanas.

Alertas importantes

Dessa forma fica muito mais difícil para determinados países usarem a justificativa de que não há certezas sobre o fato de que é realmente a atividade humana a responsável pelas mudanças climáticas. Esse argumento é cada vez mais débil, uma vez que uma das conclusões do grupo I de trabalho é que as concentrações de dióxido de carbono, metano e óxido nitroso são os principais gases de efeito estufa. Eles cresceram consideravelmente, desde o

“É importante perceber que o efeito retardado das ações humanas deve ser considerado; o que se emite hoje só terá consequências algumas décadas depois.”

início da Revolução Industrial, o que é o resultado das atividades humanas. Antes da Revolução Industrial, nós tínhamos 280 ppm (parte por milhão) de volume. Hoje, a faixa é de 380 ppm. Esse aumento não tem precedentes na história da humanidade.

O relatório também afirma que o aquecimento do sistema climático é inequívoco, comprovado pelas observações das temperaturas do ar e dos oceanos, pelo derretimento das geleiras e pelo aumento do nível do mar. Por outro lado, é preciso considerar que existem áreas em que a superfície do gelo está aumentando, como na Antártida, por exemplo. Tal situação nos faz ver como é difícil fazer uma avaliação do sistema climático para todo o globo terrestre – devido à sua complexidade e à diferenciação existente entre as regiões.

No entanto, é importante perceber que o efeito retardado das ações humanas deve ser considerado; o que se emite hoje só terá consequências algumas décadas depois. O aumento de emissões acima dos níveis atuais conduziria a um aumento de temperatura, até o ano 2100, na faixa de 1.8 a 4 graus, dependendo deste cenário socioeconômico: aumento da população e estabilização do crescimento econômico. O relatório também estima um aumento do nível do mar entre 18 e 59 centímetros até 2100. Isso resultaria em eventos climáticos extremos – tais como furacões e tempestades – bem como temperaturas muito altas, chuvas abundantes, além do aumento da intensidade de ciclones tropicais.

Países em desenvolvimento em desvantagem

Observa-se que ainda há uma escassez muito grande de dados e publicações sobre os países em desenvolvimento. Isso ocorre porque a maior parte dos cientistas do IPCC são oriundos dos países desenvolvidos. O Bra-

sil é uma exceção, já que tem muitos cientistas filiados ao IPCC. E, apesar dos países em desenvolvimento não terem contribuído de forma significativa para as causas das mudanças climáticas, infelizmente, está certo que são eles que sofrerão maiores impactos. São esses países que têm menor capacidade adaptativa. E adaptar-se implica em tecnologia, infra-estrutura e investimento.

No que se refere especificamente à América Latina, o relatório do IPCC projeta aumento de temperatura e reduções de água no solo, que levariam à substituição gradual da Floresta Tropical pela Savana, na região leste da Amazônia. Outras projeções pessimistas incluem mortalidade generalizada dos corais, pântanos e manguezais afetados negativamente pela elevação do nível do mar; enfim, se alguém quiser extrair cenários negativos dos relatórios do IPCC, certamente, não encontrará dificuldades.

O relatório precisa levar à ação e não à inação

Entretanto, o relatório também pode ser analisado sob outra perspectiva. Os piores cenários projetados só ocorrerão em 2100, caso haja uma total inação diante da realidade que se observa hoje, caso não fizéssemos absolutamente nada. Por isso, precisamos saber dos problemas para que não cruzemos os braços, ao contrário, para que adotemos medidas de mitigação.

Para que os cenários pessimistas não ocorram, precisamos de uma ação efetiva de combate à mudança do clima. Para reduzir o gás de efeito estufa, é preciso combater o desmatamento, reduzir a queima de combustíveis fósseis, promovendo fontes de energia renováveis. Há muita coisa que pode ser feita e o Brasil já fez muito. Temos que lembrar que o Brasil tem 90 por cento da sua produção de energia elétrica originária de fontes renováveis.



Desmatamento

Nós usamos álcool, agora biodiesel, ou seja, já fizemos muito. É preciso deixar claro que 75 por cento das nossas emissões de gás de efeito estufa são proveniente do desmatamento da Amazônia. Dessa forma, temos que ter como objetivo principal diminuir o desmatamento.

As conclusões a que o grupo III chegou, observam que há muitas práticas relacionadas ao desenvolvimento sustentável atualmente e há uma tendência de que isso cresça nas próximas décadas. Esta é a mensagem positiva que devemos considerar: é preciso que o mundo reduza o uso de combustíveis fósseis, que seja usada mais energia eólica e mais biocombustíveis, entre outras coisas.

Por isso, recomendo a vocês que prestem muita atenção à mensagem transmitida pelo grupo III, já que ele convocará as pessoas para uma mudança de estilo de vida, para padrões

de comportamento que possam contribuir para a mitigação da mudança do clima em todos os setores. Os brasileiros já têm uma experiência anterior muito positiva. Lembrem-se que, quando houve a crise de energia nos países, redundou em um enorme esforço de toda a população, originando rapidamente resultados muito positivos.

Por isso, digo-lhes, cuidado quando escutarem alguém dizer que o Brasil precisa ter compromissos quantificados. Na verdade, nós já fizemos muito, enquanto que muita gente, ainda, não fez absolutamente nada. Enquanto no Brasil, quase 90 por cento de sua energia elétrica é produzida por fontes renováveis, a China e a Índia, por sua vez, têm a sua fonte de energia produzida basicamente por carvão mineral, que emite muito gás de efeito estufa. O relatório pondera que as energias renováveis custam muito mais caro

É preciso deixar claro que 75 por cento das nossas emissões de gás de efeito estufa são proveniente do desmatamento da Amazônia.

que os combustíveis fósseis. O petróleo é muito mais barato.

Para finalizar, ressalto que os cenários pessimistas, os cenários apocalípticos, são apenas cenários. Não se trata de uma previsão; e eles só ocorrerão, se cruzarmos os braços.